

Os caminhos pós-formação universitária: os desafios dos egressos guineenses

*Jacira Nhaga
Carla Craice da Silva*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda sobre a trajetória após a formação dos primeiros estudantes guineenses formados pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente do campus do Malês localizado em São Francisco do Conde na Bahia, buscando compreender os caminhos percorridos após a conquista do diploma do Ensino Superior, com foco no campo profissional.

A UNILAB foi criada pela Lei 12.289 em 20 de julho de 2010 e instalada em 25 de maio de 2011 (BRASIL, 2010). A Universidade foi criada durante o governo Lula da Silva com intuito de promover a relação Brasil-África com a vinda dos estudantes brasileiros e estudantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que são Guiné-Bissau, Angola, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique, além do Timor Leste. Tais países possuem uma relação histórica: foram colonizados por Portugal. Para autores Milani, Da Conceição e N´Bunde (2016), depois que o Brasil desenvolveu sua diplomacia com os PALOP no regime democrático, passaram a ter mais proximidades com esses países e fortaleceram as cooperações educacionais externas brasileira. Em 2011, os primeiros cursos da UNILAB iniciaram no campus sede localizado no Ceará, sendo que na Bahia as atividades se iniciaram posteriormente, em 2014.

A Guiné-Bissau é um país que tem um sistema educativo precarizado, com acesso restrito ao ensino básico e com um quadro agravado no ensino superior. Segundo Mendes (2019), a Guiné-Bissau passou por constantes instabilidades políticas, o que tem afetado a estruturação de um ensino no país. Greves e paralizações das aulas, ferramentas de luta por mais qualidade na educação, são recorrentes nas instituições públicas. Nessa perspectiva, os jovens possuem dificuldades em acessar e permanecer nas instituições de ensino, sobretudo no ensino superior. É comum que os estudantes guineenses optem por realizar seus estudos em outros países, como Portugal, China, Marrocos, Rússia, Senegal ou no Brasil.

Também cabe pontuar que a instabilidade política e dos conflitos também influencia as migrações de guineenses. “A história da dinâmica de fluxo migratória guineense testemunha mobilidades internas, regionais e internacionais, movidos por interesses econômicos, guerras cívicas e oportunidades concedidas pelas redes e políticas migratórias” (CÓ, 2011, p. 132). Có (2021) indica que o fraco índice de desenvolvimento humano, as crises econômicas e instabilidade política que o país enfrenta influenciam a emigração de muitos guineenses desde a década de 1980. Assim, os emigrantes guineenses buscam na migração uma melhor condição de vida, e no caso dos estudantes guineenses, migram para outros países com a necessidade de ter uma formação no ensino superior. Desta forma, o projeto da UNILAB é uma grande oportunidade para jovens guineenses. Inclusive, Bathillon (2016) demonstra que alguns estudantes aderiram à UNILAB porque não tinham outra opção de ingressar no ensino superior.

Se o ingresso na UNILAB se mostra como uma opção para a conquista do diploma, o que acontece após a saída da universidade? Esse artigo tem como objetivo compreender os caminhos de egressos guineenses da UNILAB analisando os desafios enfrentados pós-formação universitária.

2 ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL

Para compreender a vinda de estudantes internacionais no Brasil, é fundamental observar o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Os autores Amaral e Meneghel (2015) explanam que o PEC-G é o instrumento de cooperação educacional mais antigo do Brasil, existe desde 1965 e surgiu em um período em que o número de estrangeiros vindos para a universidade aumentava no país. O programa sofreu algumas mudanças institucionais com o decorrer do tempo, mas tem, no geral, o objetivo de formar recursos humanos. Também foi no contexto do PEC-G que o governo adotou a estratégia de fortalecer a cooperação Sul-Sul desde os anos 2000 (AMARAL e MENEGHEL, 2015).

Segundo Gusmão (2014), o processo de migração africana no Brasil tem se intensificado por fins de formação superior desde os anos 2000. Os primeiros estudantes africanos chegaram na década de 1960, entre eles apenas dois eram de um país dentre os PALOP, Cabo Verde. Após a metade de década 1970, a vinda de estudantes dos PALOP cresceu devido às lutas raciais afro-brasileira, que aproximam Brasil da África e em 1980 se expandiu.

A articulação da agenda educacional entre África e Brasil culmina com a chegada do primeiro grupo de estudantes africanos no Brasil. “Estes chegaram à

Bahia em 07 de dezembro de 1961. Tratava-se de um contingente composto de quinze estudantes, dentre os quais: 05 de Gana, 04 de Senegal, 01 francês branco, 02 de Cabo Verde, 01 de Camarão e 02 franco-senegalês.” (REIS, 2010, p. 147 apud TCHAM, 2016, p. 136).

Os primeiros estudantes ingressaram na UNILAB no Ceará em 2010, contudo na Bahia as primeiras turmas iniciam em 2014. Abaixo é possível verificar o número de estudantes matriculados na UNILAB, cabendo destacar que a universidade abrigou o maior número de estudantes internacionais dentre todas que as universidades do Brasil entre os anos de 2016 e 2018 segundo dados do Censo do Ensino Superior (OBSERVATÓRIO, s/d).

Quadro 1 - Número de estudantes africanos matriculados na UNILAB - 2010 a 2018

ANO	N. ESTUDANTES MATRICULADOS
2010	193
2011	36
2012	193
2013	402
2014	657
2015	833
2016	1.058
2017	1.157
2018	1.259

Fonte: Censo da Educação Superior/ Banco Interativo do Observatório das Migrações em São Paulo, 2022.

Em 2014 chegaram os primeiros estudantes no campus do Malês em São Francisco do Conde. Entre eles havia 47 guineenses, 1 angolano, 1 moçambicano, 1 santomense e 5 cabo-verdianos, no total 55 estudantes. Este grupo passou por um processo complexo de adaptação, na qual atravessaram muitas dificuldades. Nos primeiros momentos, encontraram problemas com o transporte até o campus da universidade que se localiza distante do centro da cidade ou mesmo com a compra de alimentos. Contudo, uma das maiores dificuldades refere-se ao estranhamento da sociedade de destino, visto que

a presença de estudantes africanos transformou o cenário de um município do interior que pouco recebia pessoas vindas de outros países (SILVA, SOUZA e BATHILLON, 2021).

A presença das/os estudantes internacionais, em particular das/os estudantes africanas/os dos PALOP tem despertado desde olhares do exótico, do preconceito, da admiração, da curiosidade, de saber mais sobre as histórias, as culturas e os modos de vida dos países parceiros, bem como provocado uma reflexão sobre o racismo e o sexismo que são estruturantes à sociedade brasileira como para outras sociedades marcadas pela experiência da diáspora africana em diferentes tempos. (SILVA, SOUZA, BATHILLON, 2021, p. 197)

O grupo de estudantes também se deparou com um imaginário da África, assim tratada em forma de continente sem distinção de países, que passavam por estereótipos como: epidemias, fome, espaços de convivência com animais, africanos não cheiram bem, etc.

A cidade na altura não estava preparada para receber pessoas vindas de fora, isso porque, em termos da infraestrutura, alojamento, comércio, campanha de sensibilização aos moradores, entre outros fatores que poderiam anteceder a chegada pela primeira vez dos estudantes africanos na cidade e na UNILAB em particular. Esses preparativos não foram feitos condignamente. (SUMBA, 2019, p. 16)

O processo de acolhimento por parte da população de São Francisco do Conde não foi plácido, talvez isso pode se justificar pelo fato de terem visto poucos ou nenhum africano antes da UNILAB, quiçá pessoas de outras nacionalidades. Neste sentido, Sayad (1998) traz a complexidade da migração no sentido de que a forma como o imigrante é tratado, acolhido, expressa questões estruturais da sociedade de destino. A imigração é, assim, um fenômeno social total que envolve questões políticas, econômicas, culturais. Nesse sentido, observa-se que não é meramente uma situação de mudança ou de atravessar fronteiras. Seguindo nesta mesma linha de pensamento do Sayad, Tcham (2016) também vai explicar que:

[...] a migração não se trata apenas de um processo de deslocamento que remonta aos primórdios da existência das sociedades humanas, mas essencialmente, a

diversidade de causas que a impelem e institui um alto grau de complexidade, de examinar minuciosamente as mais variadas rupturas que acabam por incidir no social e, culturalmente sobre as pessoas que se deslocam atravessando as suas fronteiras nacionais ou lugares de origem. (TCHAM, 2016, p. 183)

É fundamental entender as razões que provocam a imigração em diferentes situações como trabalho, educação, melhor condição de vida. No tema deste trabalho, egressos internacionais, temos que ter em conta as dificuldades específicas do grupo, como a inserção no mercado de trabalho, entre outros aspectos que serão apresentados no próximo tópico.

3 EGRESSOS: AS DIFICULDADES PÓS-UNIVERSIDADE

Os estudos sobre os egressos imigrantes são escassos, o que mostra a importância em se investigar a temática e entender o que acontece com os estudantes internacionais após a formação na graduação. Silva, Nunes e Jacobson (2021) apresentaram uma abordagem das estratégias para entender a experiência de egressos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso superior no mercado de trabalho. Por um lado, os autores verificaram que a maioria dos egressos da UFSC atua na sua área de formação. Embora na maioria das vezes os egressos ingressaram exatamente na sua área de formação, ainda assim há aqueles que não conseguem emprego na sua área após a formação. Nessa situação, procuram alternativas de trabalhos.

Nota-se que os estudantes nem sempre seguem com uma carreira dos sonhos porque às vezes não é questão de escolha, mas sim de necessidades e oportunidade, sobretudo estudantes de classes sociais precarizadas.

É preciso, entretanto, compreender que as escolhas feitas pelos estudantes de classes populares acerca de sua escolarização em nível superior nem sempre estão pautadas na qualidade de oferta do ensino pelas instituições, tampouco na escolha pelo curso desejado, mas, no que é possível estudar e onde é possível se matricular. (AMARAL; OLIVEIRA, 2011, p. 874)

Amaral e Oliveira ainda trouxeram a abordagem de Bourdieu (1998 apud AMARAL; OLIVEIRA, 2011), sobre capital cultural, para explicar que os estudantes que são de famílias carentes podem passar por todo o processo

de escolarização e conseguir um diploma, porém este é menosprezado por causa da exclusão social (AMARAL; OLIVEIRA, 2011). Seguindo essa linha de raciocínio das autoras, há grandes chances de que a situação socioeconômica influencie na vida profissional dos estudantes egressos visto que as diferentes condições financeiras geram desigualdade social.

Para Vargas (2011), os estudantes egressos que estudaram com assistência estudantil ou algum outro tipo de bolsa estão em pé de igualdade com os egressos que não precisavam dessa assistência. O autor ressalta, ainda, a importância que esse processo de assistência tem para garantir a permanência do jovem no ensino superior e promover igualdade no mercado de trabalho, evitando a evasão escolar. Perante o exposto, é nobre a função de assistência estudantil, porque permite uma integração social promovendo uma universidade mais equitativa.

De outro modo, Vargas (2011) aponta que os fatores que influenciam a desigualdade na universidade estão sujeitos para ambas as categorias de estudantes, tanto para aqueles que recebiam a assistência estudantil assim como para os que não precisavam dela. Tais fatores podem ser gênero, raça, etnias, classes sociais, redes de relações dentre outros. Nessa perspectiva, as desigualdades sociais podem influenciar na inserção e efetivação dos egressos no mercado de trabalho, independentemente do mérito.

Tcham (2016) explica que os egressos africanos de países de PALOP no Brasil tinham diferentes trajetórias pós-formação, demonstrando os fatores que influenciam o processo de querer ficar ou de retornar para o país de origem. Nesse âmbito, para querer permanecer no Brasil foram: oportunidades de emprego pós-formação, constituição de grupos familiares, sequência nos estudos, insegurança política nos países de origem, projeto pessoal e outros casos. Os que preferem voltar, pode ser por causa da insatisfação no momento ou exclusão social e outros (TCHAM, 2016).

Sanca e Röwer (2018) também procuraram entender o porquê dos egressos guineenses no Brasil optarem por permanecer aqui depois de formação. Com essa inquietação, as autoras realizaram entrevistas com egressos da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte (UFRN) e da UNILAB.

Dos cinco entrevistados de cada IES quatro de cada instituição assinalaram a perspectiva de permanência no Brasil. Os entrevistados quando interrogados de forma objetiva sobre os motivos pela permanência no Brasil ressaltaram a (1) continuidade nos estudos;

(2) realização pessoal; (3) perspectiva de atuação profissional; e (4) comprometimento com o social. Dos motivos do retorno a Guiné-Bissau sobressaíram-se os aspectos de (1) comprometimento com o social e (2) realização pessoal. (SANCA, RÖWER, 2018, p. 20)

Por um lado, Sanca e Röwer (2018) explicam que o principal motivo que faz com que a maioria dos egressos decidisse não voltar para Guiné-Bissau foi o próprio governo da Guiné-Bissau, por conta das sequenciais instabilidades políticas, o que acabou afetando e trazendo questões do desemprego. Assim, há pouca oportunidade de emprego para os egressos e, por isso, sentem medo de voltar e ficar desempregados. As autoras explicam que não existe nenhuma garantia de concursos públicos viáveis para os recém-formados no país. Por outro lado, aqueles egressos que decidiram voltar sentiram a necessidade de darem suas contribuições como cidadãos, sentiam que era preciso que os próprios guineenses formados são quem devem e podem, de alguma forma, melhorar as condições de país para o desenvolvimento.

No contexto da UNILAB, os estudos sobre egressos podem ser mais complexos, visto que é uma universidade internacionalizada na sua estrutura, a dinâmica da própria sociabilidade pode ser diferente de outras instituições que possuem estudantes nacionais e recebem estudantes internacionais, eventualmente. Além disso, a própria construção dos cursos possui uma perspectiva crítica sobre questões internacionais e raciais.

Segundo Assumpção, Lima, Prolo e Leal (2021), os egressos de UNILAB não só tiveram diplomas como resultado da sua formação, como também a oportunidade de ter vivenciado saberes e culturas diferentes, portanto não só qualidade acadêmica que adquirem na formação, mas novas experiências sociais e culturais.

Os projetos pedagógicos dos cursos de graduação foram elaborados considerando os seguintes elementos: as diretrizes curriculares, o processo da globalização, o desenvolvimento tecnológico acelerado e a necessidade de envolvimento do profissional nas questões culturais, sociais, econômicas, políticas e internacionais dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). O perfil do egresso a ser formado na UNILAB agregará tais elementos e adicionalmente buscará fortalecer o desenvolvimento da sociedade e em especial das ações voltadas para a integração entre o Brasil e os demais países da CPLP (UNILAB, 2019, p. 5 apud ASSUMPÇÃO, LIMA, PROLO, LEAL, 2021, p. 381).

O projeto da UNILAB tem sido bastante importante e, nessa perspectiva, alcançando, de forma abrangente, dimensões de vida acadêmica e social dos egressos. De fato, ao ultrapassar fronteiras há probabilidade de alcançar uma consciência social mais ampla que um estudante no seu país de origem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos se baseiam na análise quantitativa. “[...] a pesquisa em Ciências Sociais desvenda padrões recorrentes do comportamento social, estabelece relações entre fenômenos e, ao mesmo tempo, lida com as singularidades das experiências individuais” (LIMA, 2016, p.13). Lima (2016) ainda contribui nas técnicas de coleta de dados para análise quantitativa indicando que pesquisas quantitativas têm como “principal característica a unicidade da forma da coleta e tratamento dos dados. Para isso, necessita coletar um conjunto de informações comparáveis e obtidas para o mesmo conjunto de unidades observáveis”, entre outras características (LIMA, 2016, p. 16). Por conta disso, a primeira ferramenta utilizada nesse trabalho foi um questionário semiestruturado. A autora chama a atenção para a elaboração de perguntas. O pesquisador precisa saber a posição social do público a ser entrevistado, deve ficar atento para a liberdade de expressão sem nenhuns julgamentos e constrangimentos durante a entrevista, portanto as perguntas devem ser claras e sucintas.

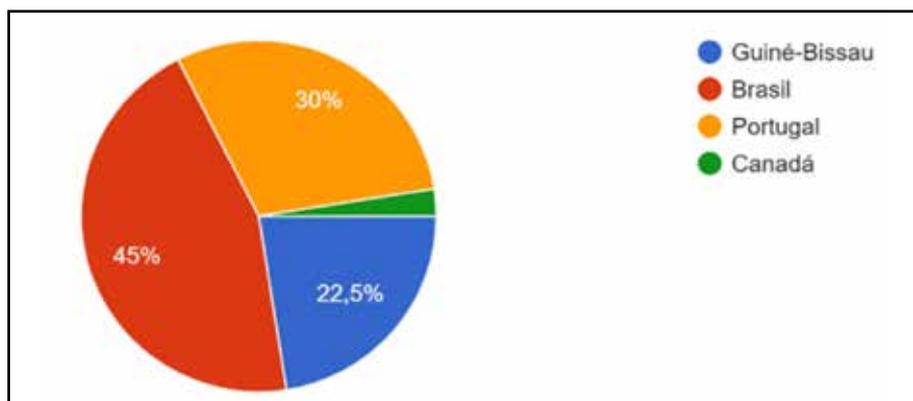
O público alvo são os egressos da UNILAB, campus de Malês, especificamente os egressos guineenses. Nesse processo, utilizamos os questionários em formato digital enviado através de redes sociais ou outras plataformas, tendo em conta que eles pudessem migrar por diferentes lugares do mundo, respondido entre maio e junho de 2022. Com base nisso, reuniu-se respostas acerca do momento pós formação dos estudantes, visto que trabalhamos com os egressos que ingressaram em 2014, ou seja, os primeiros ingressantes do Campus do Malês. Estes se formaram em momentos diferentes, entre os anos de 2016 a 2022. No entanto, dos 47 ingressantes, 40 responderam ao questionário entre os meses de maio e junho. Com isso os nomes foram levantados a partir da lista do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE)¹. Para reservar a privacidade desses estudantes, seus nomes foram alterados no corpo do trabalho. Vale ressaltar que o processo migratório, muitas vezes, implica em uma circularidade das pessoas, o que pode fazer com que outros egressos pudessem não se encontrar no Brasil no período de envio dos questionários. Diante dessa possibilidade, as ferramentas digitais tornaram-se fundamentais para que os questionários chegassem a todos e, igualmente, facilitassem o envio das respostas.

5 RESULTADOS

Com base nas respostas obtidas no formulário, observa-se que os egressos guineenses estão na faixa etária de 26 a 37 anos de idade onde 31 são homens, 8 mulheres e 1 prefere não se identificar, portanto os homens são a grande maioria. Langa (2020) discute que as mulheres africanas sofrem com desigualdade de acesso aos estudos e, conseqüentemente, os homens africanos têm mais oportunidade em atingir a educação superior. Além disso, o autor aponta que os familiares africanos priorizam investir na educação dos filhos de sexo masculino porque consideram que os homens são os chefes de famílias de gerações em gerações. (LANGA 2020).

Os egressos se encontram distribuídos em quatro países diferentes, conforme é possível ver no Gráfico 1: Brasil, com 45% de egressos, no total de 18 pessoas, Guiné-Bissau, com 22,5% de egressos, no total de 9 pessoas, Portugal com 30% egressos, no total de 12 pessoas e Canadá, com apenas uma pessoa.

Gráfico 1- País de moradia dos egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês)



Fonte: Pesquisa própria, 2022.

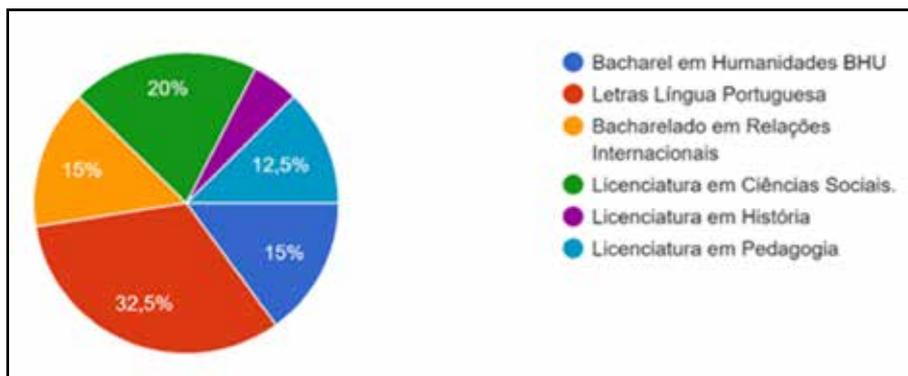
Verifica-se que a maioria dos egressos guineenses se encontra no Brasil atualmente, e em Portugal com segundo lugar. Dentre os egressos que se encontram fora de Guiné-Bissau, 92,5% declaram que pretendem voltar para o seu país de origem e 7,5% apresentaram ter dúvidas quanto ao retorno. Verifica-se, assim, que há um anseio pelo retorno como já foi discutido anteriormente na perspectiva de Tcham (2016). Isso pode ser influenciado pelas condições de vida desses egressos, que dependem das oportunidades de trabalho, da construção de família ou mesmo do sentimento de exclusão.

Um primeiro resultado relevante é que, por serem imigrantes no Brasil, sair da universidade envolve os sentimentos de decisões após o curso sobre voltar para o país de origem ou permanecer no Brasil ou então migrar para outro país. Nota-se que há certa circulação dos egressos por diferentes partes do país: São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, entre outros. As mudanças dos egressos da UNILAB têm características de trocas de lugares, atravessar fronteiras e ocupar outros espaços, por isso encontramos respostas com espaços ou lugares diferentes, justamente porque são estudantes internacionais, imigrantes que saíram dos seus países de origem com o único objetivo de fazer curso superior e, segundo os resultados, uma saída temporária.

Vale ressaltar que Portugal é um país europeu que colonizou Guiné-Bissau, então este fato histórico acaba influenciando e produzindo um fluxo migratório dos guineenses para Portugal. Apesar de não ter sido explorada pelo questionário a razão do país de moradia recente, acredita-se que se encontram vários familiares de egressos guineenses da UNILAB em Portugal, o que permite considerar a hipótese do aspecto familiar como um atrativo para a migração a Portugal.

Quanto a formação, os egressos possuem graduação em diferentes cursos da UNILAB:

Gráfico 2 - Último curso de egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês)



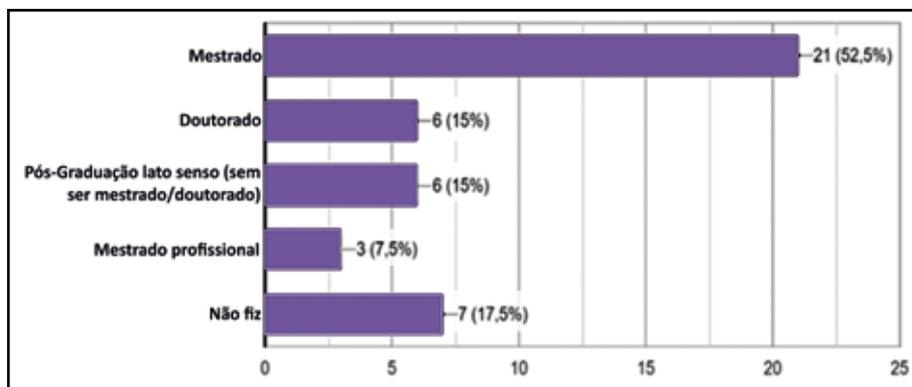
Fonte: Pesquisa própria, 2022.

Formaram-se, assim, nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, em Pedagogia, em História e em Letras, também há aqueles do Bacharelado em Humanidades e em Relações Internacionais. A maioria se formou no curso de Letras, no total de 13 egressos, segundo em Ciências Sociais no total

com 8 egressos, nos cursos de Bacharelado em Relações Internacionais e Humanidades, no total de 6 egressos em cada curso, 5 egressos formaram no curso de Pedagogia e 2 egressos formaram no curso de História.

De acordo com as respostas da pesquisa, existem egressos guineenses da UNILAB que continuaram com os estudos na pós-graduação. A pós-graduação é um momento em que os egressos fazem a transição de cidades ou país porque precisam mudar para o lugar onde fica a sua universidade. Então, ao finalizar o curso, muitos começam a procurar vincular com outra universidade de pós-graduação antes mesmo de desvincular com a UNILAB, visto que assim encontram maior facilidade em renovar o visto e ter uma oportunidade de bolsa para não ficar sem uma renda após o fim do auxílio ao estudante comum na UNILAB.

Gráfico 3 - Número de egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês) 2019 na pós-graduação



Fonte: Pesquisa própria, 2022.

Analisando os Gráficos 1, 2 e 3, acima, percebe-se que a maioria dos egressos está na pós-graduação, são 18 pessoas que continuaram morar no Brasil e 12 que migraram para Portugal para cursá-la. Dentre os egressos que não estão atualmente na pós-graduação, 5 pessoas já concluíram e um grupo de 10 egressos não fizeram pós-graduação.

O mestrado é a opção na qual os entrevistados se concentraram, com 52,5%. Também tem egressos no doutorado 15%, pós-graduação lato sensu 15% e mestrado profissional, 7,5%. É frequente quando chegam ao Brasil os estudantes emitirem a opinião que irão apenas cursar a graduação e voltarão ao país de origem. Porém, ao longo da graduação, este quadro se modifica, seja porque vê uma oportunidade de cursar o mestrado já que é pequena a possibilidade com o retorno ao país de origem, seja por passarem a se interessar pela pesquisa.

Além da pós-graduação, 25 egressos guineenses trabalham. No quadro abaixo é possível verificar dois momentos de ocupação dos egressos: a ocupação atual (no momento da entrevista) e aquela anterior a atual. A proposta com as perguntas foi justamente entender se a ocupação atual se aproxima mais da área de formação ou exigiria maior qualificação.

Quadro 2 - Ocupações dos egressos após formação

<p>Ocupação anterior</p>	<p>Garçom durante as férias, Ajudante de carpinteiro, Repositor da loja, Pesquisa em processo de integração de estudantes estrangeiro, Orientadora e Educadora infantil particular, Operadora de caixa, Assistência de eletrodomésticos, Revendedora da Avon produtos cosméticos, Atendente na praia, Auxiliar de Cozinha, Caixa no mercado e Recepcionista no salão de cabeleireiro, Vigilante durante três meses e Garçom num hotel 4 estrelas Leciona aula de inglês, Coordenador de projeto de Educação de ONG, Atendente em restaurante, Empregados doméstica e Comerciante, Frios e laticínios, empresa de autopeças e nos correios, Repositor de mercadoria num super mercado em fortaleza, construção civil, Barmen, Técnico de Logística, Técnico informático, Atendente de caixa, Garçonete e Auxiliar de cozinha, Engenharia clínica, hospitalar (aparelhos clínicos e biomédicos), Repositor no pingo doce, Atendente na praia, Trabalhadora de limpeza, Inquéritos particulares e para entidades internacionais e ONGs, inquéritos.</p>
<p>Ocupação atual</p>	<p>Revisor textual freelancer, Auxiliar de armazém, Garçonete, Auxiliar de sushiman, JBS Aves, Operadora de Produção I, Empresa de automóveis FORD, Tutor de referência no curso de pedagogia EAD de UFPR (Universidade Federal do Paraná) serviços gerais, Freelancer, Produtor de Eventos, Técnica de Gestão de formação, Operador I JBS Alves, Docente universitário, Técnica de projeto, Montagem de máquinas de ar condicionado, Repositor no supermercado, Construção Civil, Repositor de supermercado, Desenvolvedor de Sistemas, construção civil, leciona a língua portuguesa, sistema embarcado: microcontroladores, Operador de logística no aeroporto, Atendente de supermercado, Docência e pesquisa, e professora universitária.</p>

Fonte: Pesquisa própria, 2022.

Entre os 25 dos egressos que trabalhavam, a maioria aponta trabalhos que não são da sua área de formação. No primeiro quadro, as ocupações que apareceram com maior frequência são mais ligadas ao setor de serviços como trabalhos em supermercados e outros se ocupam mais no setor de entretenimento, lazer ou em restaurantes, hotel, praia. Apenas um grupo menor declarou atuar em áreas mais próximas à docência ou pesquisa, uma docência em inglês, um que trabalhou na educação em uma ONG e outra entrevistada atuou em uma área mais ligada a pesquisa.

Ao passo que no segundo quadro, no trabalho atual, 5 egressos trabalham na área de educação na qual 4 pessoas são docentes e, entre eles, 3 são docentes universitários e um trabalha com tutoria. O restante atua principalmente no setor de serviços e entretenimento.

Com a perda de auxílio da UNILAB e sem nenhuma bolsa, há a necessidade de trabalhar. Então, os egressos acabam por procurar qualquer trabalho que pode ser informal e há aqueles que trabalham e estudam simultaneamente, para auxiliar nos estudos. Segundo Silva, Nunes e Jacobsen (2011), na UFSC a maioria dos egressos que se formaram em 2011 trabalham na sua área de formação, embora demonstrassem dificuldades para conseguir trabalho, enquanto os egressos guineenses da UNILAB, aparentemente, não possuem dificuldade de acessar o mercado de trabalho.

Segundo depoimento do egresso Marcos:

Bom, uma das questões é o trabalho, visto que não conseguimos participar dos concursos públicos com o visto de estudante, portanto, resta a opção de procurar os restaurantes ou outros trabalhos que não têm nada a ver com a sua formação para garantir sua permanência. (Marcos, entrevistado, 2022)

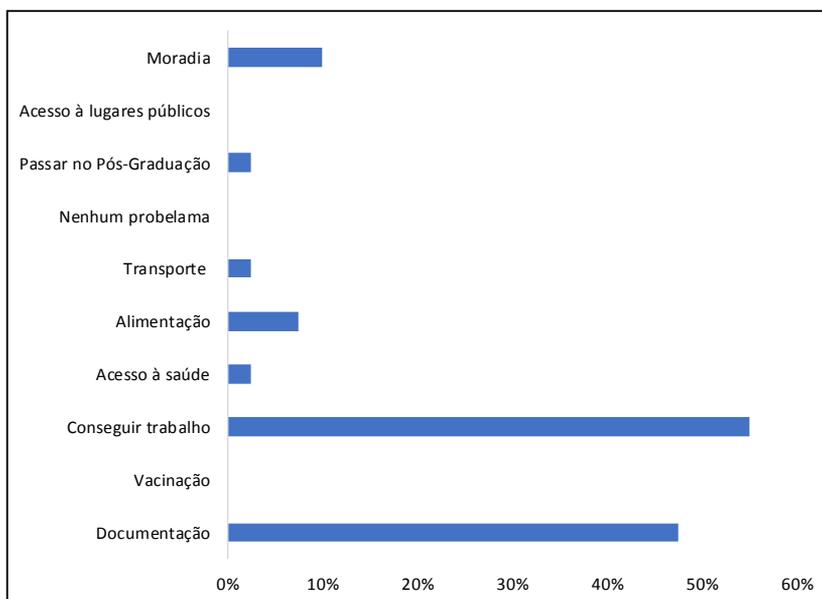
Embora os egressos guineenses que formaram e voltaram para Guiné-Bissau sejam a minoria quando comparados àqueles que ficaram no Brasil ou que migraram para Portugal, é importante analisar em quais áreas trabalham e quais foram seus desempenhos para sociedade guineense. Há uma expectativa sobre os guineenses que saíram para estudar fora do seu país principalmente dos seus familiares, como Gusmão (2014) demonstrou na sua obra de que, na maioria das vezes, os estudantes dos PALOP que saíram para estudar são os primeiros da família a cursar o ensino superior e são considerados como aqueles que possuem maior capacidade de ajudar a família.

Dentre as respostas que tivemos dos egressos, atualmente 5 pessoas moram em Guiné-Bissau, apenas um não trabalha na sua área de formação, se ocupa na construção civil. Os outros quatro egressos que retornaram

a Guiné-Bissau são todos docentes universitários, alguns confirmaram que são também pesquisadores. Cabe ponderar que a pesquisa não envolveu perguntas sobre as formas de acesso ao mercado de trabalho, como a existência de redes prévias que possibilitaram maior facilidade de entrada em ocupações que exigem mais qualificação. Assim, não é possível afirmar que os egressos que retornaram encontraram mais facilmente as ocupações atuais por possuírem a formação meramente ou se acionaram uma rede de relações já existentes.

Porém, formar-se, ingressar na pós-graduação e mercado de trabalho não são caminhos simples. Também é fundamental entender as principais dificuldades enfrentadas pelos egressos. Abaixo se apresenta o Gráfico 4 com os principais problemas enfrentados:

Gráfico 4 - Problemas enfrentados pelos egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês) de 2019



Fonte: Pesquisa própria, 2022

O gráfico acima demonstra que as dificuldades dos egressos guineenses recaem mais nas questões de conseguir trabalho com 55% e questão de documentação com 47,5%. Uma das dificuldades mais recorrentes é o tipo de visto atribuído aos estudantes, incompatíveis com a possibilidade de entrada no mercado de trabalho, uma vez formado, conforme apontam Ana e Domingos, dois entrevistados durante a pesquisa:

O problema enfrentado pós-formação, é encontrar o trabalho na minha área de formação por que sou das áreas de humanas. Está sendo muito difícil devido as burocracias do próprio governo do Estado sobre algumas documentações de permanência no Brasil ou da nacionalidade, etc. (Ana, entrevistada, 2022)

Em grande parte, os concursos públicos no Brasil só permitem a participação de estrangeiros com visto de residência permanente ou aqueles que possuem naturalização. Esse instrumento legal tem sido um entrave para muitos estudantes considerando a fato de que todos apenas possuímos vistos temporários. (Domingos, entrevistado, 2022)

Levanta-se a existência de outros fatores relacionados ao preconceito, conforme relata Maria:

Desde que me formei não trabalho na área. Faço bicos, e freelancer sem carteira assinada. Ser estrangeiro no Brasil é muito difícil, impacta de uma forma a sua vida, além de você não possuir as documentações no qual, pedem na hora de abrir um contrato, você é excluído de todas as formas, por ser preto, pobre, africano e estrangeiro e não ter o perfil adequado para atender as demandas e os interesses deles/sociedade. O país é muito racista, xenofóbico, preconceituoso, esses são os maiores problemas que você estudante vai enfrentar e se deparar ao sair da UNILAB. (Maria, entrevistada, 2022)

Aparentemente o ponto chave desse problema ou do impedimento de egressos ingressarem nos trabalhos de acordo com as suas áreas de formação é a documentação (Visto de permanência), visto que os egressos migram para o Brasil com visto de estudante provisório. Nessa senda, a política de concursos público no Brasil exclui egresso que tem visto nessas condições. Nessa situação, os egressos têm como opção voltar para seu país de origem sem experiência e ir de acordo com visto temporário ou então aderir ao visto de permanência se tiveram condições.

Gostaria de dar aulas no Brasil antes de voltar para Guiné-Bissau. Cheguei a passar por processo de edital emergencial no estado de São Paulo, mas por falta de

documento visto permanente, fui excluído do processo, mesmo tinha passado do processo seletivo. (Carlos, entrevistado, 2022)

O egresso mesmo tendo uma formação sólida e ter sido aprovado em concurso por seu próprio mérito, não conseguiu assumir a vaga por conta de questão de visto. Ainda sobre os problemas com a documentação, os egressos guineenses demonstraram que tiveram dificuldades na forma de fazer a renovação de vistos por terem se desvinculado da UNILAB.

Uns dos maiores problemas enfrentados depois da formação além da questão financeira, são problemas de documentação, pois quando estava no último semestre do curso de Licenciatura em Sociologia já tinha aprovado no mestrado em (Estudos africanos), em Portugal. Só que no momento precisava ainda manter o vínculo com a UNILAB para poder dar procedimento ao processo de obtenção de visto de estudo para Portugal, na altura tinha até que adiar a minha formatura para conseguir os documentos necessários por parte da universidade para renovação do visto na polícia federal e, depois para fazer solicitação do visto de estudo no consulado de Portugal.... depois todo esse processo, devido a pandemia não consegui viajar na altura e também não consegui fazer colação do grau, apesar de cumprir com todos os requisitos necessários para a colação... (Malam, entrevistado, 2022)

Nesse contexto, os egressos podem correr riscos de ficar indocumentado no país, então é uma preocupação que afeta não só a permanência como a saúde mental.

No que tange ao trabalho e estudos, o grupo que migrou para Portugal possui algumas particularidades. A pós-graduação em Portugal é paga, mesmo quando é do sistema público, enquanto no Brasil ela pode ser feita gratuitamente. Assim os egressos trabalham para custear a formação. Nessa senda, também houve dificuldades no emprego por meio de várias questões, como transporte, saúde, documentação. Agostinho e Paulo nos relatam sobre sua ida a Portugal:

Os problemas enfrentados após a formação em 2019 na UNILAB, começaram logo ali. Eu já não tinha auxílio para manter. Cheguei a Portugal e em algumas semanas decretaram aviso de emergência sobre o Covid 19. Tudo

isso, logo no início do meu novo percurso. Nem sei explicar como que aguentei esses tempos todo. Depois de 4 meses comecei a trabalhar na construção civil, sem documentação e o processo de documentação é muito difícil para mim na altura, mas graças a Deus consegui a minha primeira residência no mês de junho, depois de 2 anos e alguns meses. Vocês imaginam isso? E eu a trabalhar na construção civil, não é nada fácil até agora. (Agostinho, entrevistado, 2022)

Portanto, estudar aqui não é nada fácil! Sem bolsa ainda temos que trabalhar e estudar. Se não trabalha, não vai ter como manter o seu estudo, caso não pagar mensalidade em dias, entram os juros e proibição da emissão de documentos escolar, caso aluno necessita para renovação do seu documento de identificação. Outra situação que acho injusto aqui é chegar na urgência (emergência, seria o correspondente no Brasil) do hospital público, depois de ser atendido o paciente tem que pagar 18,00 €. Se não tiver, o serviço de hospital vai enviar fatura para sua casa afim de receber o pagamento. Se não pagar, poderá sofrer consequência no futuro pelo serviço de Finanças Públicas do país. É complicado viver aqui, sinceramente! (Paulo, entrevistado, 2022)

De fato, é de imaginar que Portugal pode ter diferença com o Brasil em muitos fatores como cultura, sistemas econômico, políticas e outros, por serem países com sistemas públicos de saúde e educação organizados e disponibilizados de formas diferentes à população. Como vimos nos depoimentos, as normas exigidas no ensino brasileiro são diferentes de Portugal. Vale ressaltar que Portugal não tem um sistema público de saúde como o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. No país dos lusíadas, os tratamentos de saúde têm um custo para paciente ou sua família o que pode influenciar nas dificuldades de egressos.

Outros problemas que os egressos elencaram ao sair da UNILAB com menor frequência foi o acesso à saúde e as questões de racismo, xenofobia, dificuldades financeiras, preconceitos, *lockdown* da pandemia Covid-19, aprovação no processo de pós-graduação, e saúde.

Nota-se que de modo geral os problemas podem aparecer quando se trata de país de migração, as dificuldades podem ser maiores do que quando vive no próprio país de origem. Portanto, pós-formação, os egressos, ao desvincularem-se da UNILAB, encontram dificuldades, porque a maioria fica sem garantia de acesso a uma renda financeira. Além disso, a regulamentação

de vistos e mesmo de passaporte dificulta o acesso ao mercado de trabalho, principalmente o formal, e gera uma insegurança na vida desses imigrantes. Considerando que vivem numa sociedade hierárquica, as desigualdades sociais, sobretudo de raça, é um dos desafios para os egressos, principalmente negros africanos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente a Guiné-Bissau possui uma educação precária, sobretudo, o ensino superior. Assim muitos guineenses têm como opção cursar a universidade em outros países, principalmente Brasil e Portugal, por intermédio das cooperações bilaterais. Os estudantes abraçaram o projeto da UNILAB como grande oportunidade de cursar o ensino superior. A educação se mostra como um fator importante no processo de migração entre Brasil e Guiné-Bissau, sendo que a UNILAB se mostra como um primeiro impulso para o emigrar e, como mostrou a pesquisa, a permanência dos guineenses na diáspora.

Os primeiros egressos guineenses do campus do Malês da UNILAB estão espalhados em quatro diferentes países (Brasil, Portugal, Guiné-Bissau e Canadá), entretanto aqueles que continuaram a morar no Brasil são maioria. Contudo, grande parte dos egressos manifesta vontade de voltar para o país de origem. Alguns se ocupam com trabalhos que não são da sua área de formação e alguns ficaram para continuar os estudos na pós-graduação, assim como no caso de aqueles que migraram para Portugal. O grupo que retornou a Guiné-Bissau, embora em um número menor, atua na sua área de formação, o que é uma vantagem para a sociedade guineense. Contudo, cabe salientar que a pesquisa não abrangeu uma pergunta específica sobre como egressos ingressaram no mercado de trabalho, se por uma rede pré-existente, por exemplo.

O momento pós-formação mostra-se angustiante, em especial no que diz respeito acesso ao mercado de trabalho, além da insegurança acerca de documentação, racismo, preconceito, xenofobia, moradia, alimentação e transporte. Por não serem nativos, há dificuldade em ingressar no mercado de trabalho por conta do tipo de visto, no caso, o visto de estudante. Por fim, o momento de pandemia de Covid-19 foi um fator a mais de dificuldade na trajetória pós-formação. Mesmo assim, conseguiram se formar, alcançaram seus objetivos e saem triunfantes, sendo que a UNILAB é uma instituição com projeto diferenciado que, além de proporcionar uma formação acadêmica, também possibilita reflexões sobre o próprio contexto africano e valores de crescimento pessoal com as diversidades que nela engloba.

NOTA

¹ Os resultados do PSEE estão disponíveis em: <<https://unilab.edu.br/processo-seletivo/selecao-de-estrangeiros/>>. Acesso em abril de 2022.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniela Patti; OLIVEIRA, Fátima Bayma. O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 19, n. 73, p. 861-890, 2011.

AMARAL, Joana de Barros; MENEGHEL, Stela Maria. Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G): de um programa da década de 1960 para uma política educacional. **37ª Reunião Nacional da ANPEd** - 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC - Florianópolis

ASSUMPCAO, Solange Rodrigo Bonomo; LIMA, Manolita Correia.; PROLO, Ivor; LEAL, Fernanda. Influência da mobilidade acadêmica internacional solidária na trajetória acadêmica e pessoal de egressos da Unilab e da Unila. In: LIMA, Manolita Correia; PROLO, Ivor; ASSUMPCÃO, Solange Rodrigo Bonomo; LEAL, Fernanda. (Org.). **Unilab 10 anos: gênese, desafios e conquistas**. 1 ed. Blumenau: Edifurb, 2021, p. 377-405.

BATHILLON, Aldine Valente. **Estudantes guineenses: da educação secundária na Guiné-Bissau à educação superior na Unilab, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

BARROS, Joana; MARIA, Stela. Programa Estudante Convênio De Graduação (PEC-G): de um programa da década de 1960 para uma política educacional. **37ª Reunião Nacional da ANPEd. Anais.. UFSC - Florianópolis**, 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010**. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 138, 21 jul. 2010.

CÓ, João Ribeiro Butiam. Migração e desenvolvimento na Guiné-Bissau: experiências e controvérsias dos atores envolvidos no processo. Associação das Universidades de língua portuguesa (AULP). **Migrações. Revista internacional em língua portuguesa**. III serie, nº 24. - 2011.

- GREGORI, José. Refugiados e imigrantes: uma abordagem de direitos humanos. **Caderno de debates**, v. 2, p. 15-28, 2007.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Intelectuais Negros: Migração e formação entre conflitos e tensões. **O público e privado**, N 23 - janeiro/julho – 2014.
- LANGA, Ercílio Neves Brandão. Experiências de imigrantes africanas na cidade de Fortaleza-CE (2010-2017). **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1-25, 2020.
- LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: **Métodos de pesquisa em ciências sociais: Bloco quantitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016.
- MENDES, Leonel Vigente. **(Des)Caminhos do Sistema de Ensino Guineense: avanços, recursos e perspectivas**. 1. Ed. Curitiba: Editora CRV, 2019.
- MILANI, Carlos Roberto Sanchez; DA CONCEIÇÃO, Francisco Carlos; N´BUNDE, Timóteo Saba. Cooperação Sul-Sul em educação e relações Brasil-PALOP. **Caderno CRH**, Salvador, v. 29, n. 76, p. 13-32, jan./abr. 2016.
- OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM SÃO PAULO. **Banco Interativo do Observatório das Migrações em São Paulo**. Nepo/UNICAMP, s/d. Disponível em: <<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/>>. Acesso em 15 de setembro de 2022.
- PEREIRA, José Carlos Alves. Abdelmalik Sayad. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, n. 85, p. 3-6, 2019.
- SANCA, Natalé Augusto João; RÖWER, Joana Eliza. **Entre a permanência no Brasil e o retorno a Guiné-Bissau**: uma análise comparativa entre estudantes da Universidade da Integração. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Sociologia) - Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2018.
- SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. **Anais... XII Encontro Nacional da Associação Brasileiras de Estudos Populacionais (ABEP)**. Caxambu, 2000.
- SAYAD, Abdelmalik. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

- SUMBA, Julio Quintino Cam-Nate. **Estudantes africanos na Unilab Campus dos Malês (São Francisco do Conde) entre os anos 2014-2018**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.
- SILVA, Carla Craice; SOUZA Cristiane Santos; BATHILLON Aldine Valente. O ser e o estar na UNILAB: o olhar das/dos estudantes africanas/os sobre a Integração. **In: Artemisa Odila Candé Monteiro; Ivan Costa Lima (orgs). UNILAB 10 anos: Experiência, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor-Leste no interior da Bahia e Ceará, v. 1. Fortaleza: Imprece, 2021.**
- SILVA, José Marcos; NUNES, Rogério da Silva; JACOBSEN, Alessandra de Linhares. O programa de acompanhamento dos egressos da Universidade Federal de Santa Catarina: a definição perfil dos estudantes no período 1970-2011. **XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, Anais...** Florianópolis-SC, 2011.
- TCHAM, Ismael. **Estar, ficar e retornar: estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração**. Tese Doutorado (Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco Centro de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de Ciências Sociais Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2016.
- VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas, v. 16, p. 149-163, 2011.

RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória pós-graduação dos primeiros estudantes guineenses formados pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente do campus do Malês localizado na Bahia. A criação da UNILAB está envolta de uma política de internacionalização Sul-Sul, estreitando laços entre o Brasil e os demais Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). A pesquisa busca compreender os caminhos percorridos pós-graduação dos estudantes, observando dificuldades e conquistas com foco no campo profissional. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram entrevistados 40 entre os 47 ingressantes no ano de 2014. A investigação mostrou que a maioria dos egressos permanece no Brasil, em especial na pós-graduação e/ou estão ocupados nas áreas de entretenimento e serviços, destacando a dificuldade em conseguir um trabalho na sua área de formação. Apesar de permanecerem no Brasil, grande parte expressou o desejo de retornar para seu país de origem. Entre os egressos que retornaram a Guiné-Bissau, grande parte trabalha na sua área de formação, quadro diferente daqueles que moram no Brasil e em Portugal que, em sua maioria, permanecem estudando na pós-graduação.

Palavras chave: Migração Internacional; Ensino Superior; Egressos.

ABSTRACT

This work addresses the post-education trajectory of the first Guinean students graduated from the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), specifically from the Campus dos Malês located in Bahia. The creation of UNILAB is surrounded by a South-South internationalization policy, strengthening ties between Brazil and other Portuguese-speaking Countries (PALOP). The research seeks to understand the paths taken post-graduation by students, observing difficulties and achievements with a focus on the professional field. For the development of the research, 40 of the 47 entrants in 2014 were interviewed. The investigation showed that the majority of graduates remain in Brazil, especially in postgraduate studies and/or are employed in the areas of entertainment and services, highlighting the Difficulty getting a job in your field of training. Despite remaining in Brazil, most expressed the desire to return to their country of origin. Among the graduates who returned to Guinea-Bissau, a large proportion work in their area of training, a different situation from those who live in Brazil and Portugal, who, for the most part, continue studying postgraduate studies.

Keywords: International Migration; University education; Graduates.